

# Economistas prevêem estagnação em 1999

Projeções para o próximo ano apontam queda de até 3% no PIB, preços estáveis e melhora sensível no desempenho da balança comercial, provocada mais pela queda nas importações que pelo aumento das exportações. O déficit em transações correntes também será menor. Mas ninguém acredita em mudanças na atual política cambial, nem em queda radical dos juros

Alexandre Calais, de São Paulo

## DANY RAPPAPORT - BANCO SANTANDER



contra-senso é que a melhoria nessas variáveis virá somente pela piora na atividade econômica.■

A projeção do economista é uma das mais otimistas para o cenário do País em 1999. Ou melhor, uma das menos pessimistas. O Santander trabalha com uma projeção de crescimento zero da economia no próximo ano, enquanto os outros bancos estão projetando queda no produto interno bruto (PIB). “O auge da falta de crédito aconteceu este ano”, explica. Outros indicadores macroeconômicos devem apresentar melhora em relação a este ano, como o déficit na balança comercial (provavelmente menor) e o saldo em transações correntes (também com déficit menor). O

## ADAUTO LIMA - LLOYDS BANK



em mudanças da política cambial ou quedas expressivas da taxa de juros.■

O emprego deve sofrer muito com a recessão econômica no próximo ano. Segundo Adauto Lima, economista do Lloyds Bank, a taxa de desemprego pode chegar a 10,5% em média em 1999. “É um quadro impossível de ser revertido sem a retomada da atividade econômica”, afirma. A recessão, ponto de consenso entre os economistas, fará o PIB do País encolher entre 0,5% e 1,5% no próximo ano. Até mesmo por conta disso, as importações devem ser bem menores, aliviando um pouco o déficit na balança comercial e o saldo das transações correntes. O Lloyds não acredita

## CARLOS KAWALL - CITIBANK



uma recessão causada por um ajuste profundo que pela simples não aprovação do pacote no Congresso.”■

Traçando o quadro mais pessimista entre os consultados, o economista-chefe do Citibank, Carlos Kawall, acredita que o PIB brasileiro apresentará uma queda de 3% no próximo ano. “As medidas do pacote fiscal são indispensáveis e trarão resultado a médio e longo prazo, mas não há dúvida que são recessivas a curto prazo”, afirma. O economista acredita que, por conta dessa retração, o governo federal não deve conseguir cumprir as metas fiscais acordadas com o Fundo Monetário Internacional. “Mas é melhor que as metas não sejam cumpridas por conta de

## CRESCIMENTO DA ECONOMIA

**Zero**

A projeção do banco é fechar 1999 com crescimento zero. Apesar de ruim, é um número um pouco melhor que a maioria das estimativas para o próximo ano, praticamente todas esperando crescimento negativo. Segundo Rappaport, o número um pouco mais otimista deve-se ao fato de que o auge do cenário de falta de crédito e de confiança no País deu-se este ano. Os bens duráveis também não devem cair mais que caíram em 1998. Setores como transportes, petróleo e telecomunicações devem dar alguma dinâmica à economia.■

**(1%)**

O Lloyds projeta uma queda de 0,5% a 1,5% no PIB para o próximo ano. Alguns componentes da depressão da economia já apresentaram-se este ano, como a taxa de juros muito alta e a diminuição do crédito internacional. Além disso, as próprias medidas do ajuste fiscal contribuirão para a redução da demanda agregada, forçando para baixo a atividade econômica. O setor de bens de consumo duráveis deve continuar como um dos principais atingidos pela retração.■

**(3%)**

O Citibank trabalha com uma estimativa de queda de 3% no produto interno bruto. O pessimismo para o País vem a reboque de um cenário ruim para todo o mundo, onde o grupo espera um crescimento de apenas 1,25% em 1999, menor que o crescimento esperado pelo FMI, de 2,2%. O quadro no Brasil é agravado pela taxa de juros, que deve permanecer ainda muito alta, e pelos próprios efeitos recessivos do pacote fiscal. “As medidas são indispensáveis, mas contracionistas no curto prazo”, diz Kawall.■

## INFLAÇÃO

**1%**

Variável sob controle, segundo Rappaport, que projeta um índice de 1% para a Fipe e 1,5% para o IGP-M. Para o economista, boa parte desses números baixos deve-se à depressão da economia, o que torna o indicador mais preocupante. No caso específico da Fipe, concorre também para o índice baixo a redução sistemática dos preços dos aluguéis em São Paulo, que haviam subido muito no início do Plano Real.■

**0,5%**

A estimativa do banco é uma inflação entre 0% e 1% em 1999. A principal causa será a baixa atividade econômica. “Não haverá nenhuma pressão adicional de demanda, até porque a oferta internacional de produtos continua alta”, diz Lima. Além disso, a próxima safra de grãos do País deve ser boa, os preços internacionais de commodities continuarão comportados e o petróleo não parece que irá sofrer elevação de custo significativa, todos fatores que contribuem para uma inflação sob controle absoluto.■

**1%**

O banco projeta um índice de 1% para a Fipe. Segundo Kawall, esse número baixo é fruto, em boa parte, do ajuste nos preços de alguns serviços, como aluguéis e saúde, que aumentaram muito no início do Plano Real e agora experimentam queda já há um bom tempo. Além disso, o fato de o ano ser recessivo é outro fator que contribuirá para que a inflação exiba um índice tão baixo.■

## BALANÇA COMERCIAL

**(US\$ 1,3 bi)**

O Santander estima para 1999 uma melhora em relação a 1998. O déficit da balança deve cair de US\$ 5,6 bilhões para US\$ 1,3 bilhão. O principal responsável por isso será a queda nas importações (de US\$ 58,6 bilhões para US\$ 57,4 bilhões), causada pela atividade econômica deprimida. Ao mesmo tempo, as exportações devem crescer de US\$ 52,9 bilhões para US\$ 56,1 bilhões, impulsionadas por um crescimento de manufaturados e pela recuperação dos preços das commodities agrícolas.■

**(US\$ 1,5 bi)**

O Lloyds estima que o déficit deve ficar em US\$ 1,5 bilhão no próximo ano. As importações sofrerão queda de US\$ 57,9 bilhões este ano para US\$ 55,5 bilhões em 1999, provocada em grande parte pela retração da economia. As exportações devem ter uma recuperação pequena em relação a este ano, subindo de US\$ 52,1 bilhões para US\$ 54 bilhões. A explicação para isso está em boa parte ancorada na recuperação dos preços de commodities agrícolas, e também na ampliação das vendas para países asiáticos, que devem começar a recuperar-se dos abalos dos últimos dois finais de ano.■

**US\$ 536 mi**

A projeção do Citibank é de um pequeno superávit comercial em 1999 — US\$ 536 milhões. As importações que devem apresentar queda de 9% em relação a este ano, são as responsáveis por esse desempenho. As exportações também devem contribuir para o número, crescendo 2%. Segundo Kawall, há uma expectativa de que os preços das commodities exportadas pelo País apresentem recuperação em relação a este ano. A desvalorização real do câmbio é outro fator que deve impulsionar um pouco as vendas externas. “Esses dados, no entanto, estão sujeitos a variações porque o próprio governo federal está revendo seus números”, diz o economista.■

## INVESTIMENTOS DIRETOS

**US\$ 18 bi**

Devem atingir o patamar de US\$ 18 bilhões, embora Rappaport admita que essa é uma projeção otimista. “Esse número vai depender de algum dinamismo da atividade econômica.” Embora as privatizações mais rentáveis tenham ocorrido este ano, o economista acredita que ainda há algumas empresas que devem atrair investidores externos, especialmente dos setores de energia e bancário. Há ainda os investimentos de empresas já privatizadas, e que precisam cumprir cronogramas de modernizações.■

**US\$ 19 bi**

Os investimentos devem ficar entre US\$ 18 bilhões e US\$ 20 bilhões, um pouco menos que os US\$ 24 bilhões deste ano. A maior parte dos recursos virão para as privatizações que ainda não foram feitas no País, além dos investimentos que terão de ser realizados pelas empresas já privatizadas.■

**US\$ 15 bi**

A estimativa é que o País receba no próximo ano US\$ 15 bilhões de investimentos. As privatizações devem ser responsáveis por um terço deste total. O restante deve vir de empresas que aplicarão no País, especialmente as recém-privatizadas, que necessitam cumprir os acordos assinados com o governo. O número é menor que o de 1998 porque as privatizações não serão tão atraentes como foram este ano.■

## SALDO EM CONTA CORRENTE

**(US\$ 25 bi)**

Devem apresentar uma melhora significativa em relação a este ano. O déficit pode cair de US\$ 32 bilhões este ano para US\$ 25 bilhões em 1999. A principal causa da melhora é a diminuição do déficit da balança comercial. Outras contas da balança de serviços, como turismo e transportes, também devem apresentar melhora em relação a este ano, embora fruto, novamente, da recessão econômica.■

**(US\$ 27 bi)**

O déficit em transações correntes atingirá US\$ 27 bilhões, na estimativa do Lloyds. Segundo Lima, a melhora na balança comercial é a principal responsável por esse número. O Lloyds também acredita que o País gastará menos com viagens internacionais e terá menores necessidades de gastos com transportes, além de observar queda nas remessas de lucros e dividendos de empresas estrangeiras aqui instaladas.■

**(US\$ 27,1 bi)**

O Citibank projeta um déficit em transações correntes de US\$ 27,1 bilhões, menor que o registrado este ano. Segundo Kawall, o responsável por essa melhora é a balança comercial. “A balança de serviços deve manter-se praticamente igual à deste ano”, diz o economista. Segundo ele, o País deve gastar mais com os juros, mas o equilíbrio virá com gastos menores em contas como de turismo e transportes.■

## DESVALORIZAÇÃO CAMBIAL

**7%**

A desvalorização cambial em 1999 deve atingir 7%. Ou seja, a projeção do Santander é que o governo federal não irá alterar a atual política de desvalorizações. Para Rappaport, com a economia em dificuldades no ano, o tema da mudança da política cambial deve suscitar debates durante todo o período, especialmente a questão do alargamento das bandas de flutuação. Mas parece pouco provável que a equipe econômica esteja disposta a abrir mão do atual regime.■

**7,5%**

O Lloyds Bank também não acredita que o governo vá modificar a atual política de desvalorizações. Por isso, a desvalorização deve situar-se entre 7% e 7,5% até o final do ano. Segundo Lima, se o governo resolver alargar um pouco mais a banda, é possível que a desvalorização chegue a um patamar ligeiramente superior, de até 8,3%. Mas, para o economista, esse é um cenário menos provável. “A tendência é mesmo a manutenção da política atual”, diz Lima.■

**7,5%**

A política cambial não deve sofrer alterações, segundo as projeções do Citibank. A moeda deve fechar o ano com uma desvalorização de 7,5% em relação ao dólar, exatamente como este ano, ao ritmo de 0,6% ao mês. Segundo Kawall, não haverá um cenário favorável para nenhuma mudança no próximo ano, especialmente com o panorama internacional ainda indefinido.■

## JUROS

**22,6%**

As projeções do Santander são que a taxa de juros deve fechar o ano no patamar de 18,5%. A taxa média anual será de 22,6%. Segundo Rappaport, é a queda possível de ser realizada, levando-se em consideração que o governo não vai modificar a atual política cambial. Apesar disso, ele reconhece que é uma taxa ainda muito alta.■

**20%**

A projeção é de uma taxa de juros média durante o ano entre 19% e 20%. “Vai depender muito de como vai estar no início do ano. Para ele, a redução dos juros dependerá também das mudanças no panorama econômico internacional. “Se o cenário estiver bem melhor, acredito numa taxa até menor que 19% em dezembro”, diz.■

**20%**

A taxa de juros média em 1999 deve ficar em 20%. A estimativa de Kawall é que chegue a dezembro em 18%. “Mesmo assim, é uma taxa de juros muito alta, que comprometerá o desempenho da atividade econômica do País durante todo o ano”, afirma o economista.■

## DESEMPREGO

**9%**

A estimativa do Banco Santander é de uma piora nos índices de desemprego para 1999. O banco acredita que o índice pode atingir 9% no ano que vem, um aumento significativo sobre este ano, que deve fechar em 7,6%. Segundo Rappaport, não há muito o que ser feito em relação a isso. Os índices só vão começar a declinar a partir de uma recuperação expressiva da atividade econômica, o que parece não ser o caso para 1999.■

**10%**

A perspectiva não é das melhores. O Lloyds estima uma taxa de desemprego entre 9,5% e 10,5% na média do ano, por conta da recessão econômica. O primeiro trimestre deve ser o pior período para o emprego, até porque é, tradicionalmente, a fase de menor atividade econômica. Segundo Lima, há possibilidade de, em março, a taxa de desemprego estar entre 11% e 11,5%. “E não me surpreenderia se chegasse a 12%”, diz.■

**9,6%**

O índice de desemprego do IBGE fecha 1999, nas projeções do Citibank, em 9,6%. O pior momento para o emprego será o segundo trimestre, período em que a retração econômica deve estar mais acentuada. Para Kawall, é uma variável que não tem muita possibilidade de ser revertida. “O nível de atividade é o grande determinante do índice de desemprego, e com a economia contraída, o emprego irá mesmo sofrer”, diz.■

## RESULTADOS PRIMÁRIO E NOMINAL

**2% e (4,7%)**

De acordo com as projeções do Santander, o País deve fechar o próximo ano com um superávit primário de 2% do PIB e um déficit nominal de 4,7% do PIB. O resultado primário é, portanto, pior do que o governo espera. Isso deve acontecer porque o pacote fiscal não conseguirá ser implementado da forma como o governo deseja. E o resultado nominal vai depender de que não haja nenhum evento que venha a provocar nova alta dos juros.■

**2,4% e (4,7%)**

O Lloyds trabalha com uma estimativa de superávit primário entre 2,1% e 2,6% e um déficit nominal de 4,7% do PIB. “É uma projeção sujeita a revisões, dependendo do ritmo de aprovação do pacote de ajuste fiscal no Congresso. Se o governo demora muito a aprovar o pacote, mudam todas as estimativas”, afirma Lima. Segundo ele, a queda das taxas de juros é fundamental nesse cenário. “Juros altos afetam tanto na arrecadação, porque depõem a economia, quanto nos encargos do País”, diz. Para o economista, o governo precisa ser um pouco mais duro na aprovação de temas polêmicos, como a previdência.■

**1,73% e (5,05%)**

O Citibank projeta um déficit nominal de 5,05%, maior que a meta do governo, e um superávit primário de 1,73% do PIB, menor que a meta oficial. Segundo Kawall, esses resultados se darão por conta da retração da economia. O cenário traçado pelo banco leva em consideração que o governo conseguirá aprovar o pacote de ajuste fiscal sem grandes perdas.■